

Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia
Instituto Adventista de Ensino do Nordeste

A FÓRMULA BATISMAL DE ACORDO
COM MATEUS 28:19

Monografia

Apresentada em Cumprimento Parcial dos Requisitos
da Matéria Princípios de Hermenêutica
Estudo Individual Dirigido

Por

Vander Ferraz Krauss

Novembro de 2004

INTRODUÇÃO

No final do Evangelho segundo Mateus, Jesus Cristo dá uma ordem que é comumente conhecida como “A Grande Comissão”: *“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século”* (Mat 28:19-20 - grifo nosso).

Porém, nem nos demais Evangelhos sinóticos nem no Evangelho segundo João, e nem no restante do Novo Testamento, se encontra uma passagem paralela onde as três Pessoas da Trindade são usadas na fórmula batismal.

O objetivo deste trabalho é demonstrar a autenticidade documental da passagem nos manuscritos antigos do Novo Testamento e em outras fontes históricas, e sua confirmação por parte de Ellen G. White em seus diversos escritos. Ao analisar o uso da fórmula batismal conforme o Evangelho de Mateus, usada desde o início da Igreja Primitiva, será oferecida a explicação para a aparente contradição entre a Grande Comissão e o uso da ênfase batismal “no nome de Jesus” que aparece em outras partes do Novo Testamento.

Presença nos Manuscritos

Os originais bíblicos e suas primeiras cópias utilizaram-se de papiro, que era o principal material de escrita da antiguidade.¹ “As cópias manuscritas do NT foram a princípio preparadas em escrita uncial (maiúscula) e [...] predominantemente em papiros. São catalogados até o momento 96 papiros”.² O livro de Mateus é encontrado de forma fragmentada nos papiros P¹, P¹⁹, P²¹, P²⁵, P³⁵, P³⁷, P⁴⁴, P⁴⁵, P⁵⁶, P⁶², P⁶⁴, P^{65 (+67)}, P⁷⁰, P⁷¹, P⁷³, P⁷⁷, P⁸³, P⁸⁶, P⁹⁶.³ Por serem fragmentados pela ação

¹ Wilson Paroschi, *Critica textual do Novo Testamento* (São Paulo; Editora Vida Nova, 1999), 25-26.

² Ibidem, 44.

³ Na introdução de Bárbara Aland e Kurt Aland, *The text of the New Testament* (Grand Rapids; Eerdmans, 1994), pg. 15.

do tempo ou uso, nesses papiros não aparece o capítulo 28, o que não fornece razão para desacreditar sua autenticidade, visto que os capítulos 2, 13, 14, 15, 16, 27, 22, 23, 24 e 27 e vários versículos dos demais capítulos também não se encontram nesses papiros.¹

O material em couro, chamado de pergaminho, foi pouco a pouco deixando de ser utilizado, e no início do século IV já era usado apenas para a literatura clássica secular. Os manuscritos antigos do Novo Testamento (mss.) classificados como **unciais** foram os que passaram a ser confeccionados em pergaminho, após o papiro cair em desuso, pois eram melhores e mais duráveis.²

O fato de o texto de Mateus 28:19 aparecer em vários dos manuscritos dos séculos IV em diante não significa que seja uma interpolação desse período, como veremos logo adiante. Afinal, o mesmo argumento valeria para outras passagens que não aparecem nos papiros e somente constam dos manuscritos do século IV, como já mencionamos anteriormente. Mesmo constando dos melhores manuscritos antigos, a única alegação que se poderia fazer em relação à integridade do texto de Mateus 28:19 seria uma pequena variação em sua composição, mas que não altera em nada a idéia da passagem.³ Alguns mss. (como por exemplo: B, W, Δ (delta), Θ (Teta), f^d) apresentam quase no início do verso a conjunção coordenativa **οὐν (oun)**, que é traduzida na maioria das vezes por “portanto” (cf. Mat 28:19; Luc 11:36; Jo 20:20 e outros na tradução da Almeida Revista e Atualizada - ARA), e outros manuscritos antigos confiáveis (por exemplo, o D) aparece em seu

¹ R. N. Champlin, *O Novo Testamento interpretado (NTI)* (São Paulo: Editora Candeia, 2000), 1:87-90.

² Wilson, 27, 47.

³ “A palavra ‘portanto’ provavelmente é uma glosa, pois é omitida pelos mss. Aleph, AEFHKMSUV, Gama e outros. Todavia é porção muito antiga do texto, por causa do Códex do Vaticano, como também dos mss. Delta e os da Família Pi. A glosa é excelente, conforme a maioria dos intérpretes concorda prontamente, porque mostra que essa ação de fazer discípulos dentre todas as nações, repousa na autoridade universal de Cristo”, declara Champlin ao comentar a frase: “*Ide, portanto, fazei discípulos...*”, 1:654. A glosa é uma nota marginal empregada para explicação ou ilustração. A origem de notas marginais pode ser localizado em tempos clássicos quando elas foram empregadas para explicar para estudantes gregos o significado de palavras obsoletas, dialéticas, ou estrangeiras, especialmente como acontece nos poemas homéricos, Bruce M. Metzger, *Manuscripts of the Greek Bible* (New York; Oxford University Press, 1991), 46.

lugar o advérbio **νῦν (nun)** que é traduzido como “agora” (cf. Mat 27:43; At 10:5; Rom 5:9; Fil 1:5 e outros conforme traduzido em ARA), e em outros mss., ainda (exemplo: **Ⲛ** (álef), 0148^{vid}, *f*⁴³, M, bo^{pt}), não aparece nenhuma das duas alternativas.¹

O que deve ser destacado é a aparição da passagem de Mat 28:19 em vários manuscritos confiáveis e de procedências diversas, tais como os mss. B, W, Δ, Θ, *f*¹, D it, 0148^{vid}, *f*⁴³, M, bo^{pt} e no ms. mais importante: o **Ⲛ** ou 01 (Códice Sinaítico), o que desqualifica qualquer suposição de que tenha sido fruto de adulteração do texto. Vejamos o que diz o Dr. Paroschi sobre a confiabilidade do Códice Sinaítico:

O primeiro lugar na lista dos mss. unciais do NT pertence ao Códice Sinaítico, descoberto na metade do século XIX por L. F. Constantin Von Tischendorf, grande estudioso de Leipzig. Escrito em pergaminho fino de excelente qualidade. Foi escrito por cerca de três escribas, provavelmente no Egito, na primeira metade do século IV, mas apresenta o trabalho de vários corretores posteriores [...] É o manuscrito completo mais antigo existente, e um dos mais valiosos devido à qualidade do texto.²

Testemunho de Ellen G. White

Ao falar da passagem de Mateus 28:19 várias vezes considerando-a como válida, Ellen G. White demonstra que a fórmula batismal era aceita pacificamente pelos pioneiros da Igreja Primitiva. Ela chama a comissão evangélica de “a Carta Magna do Reino de Cristo”, e diz que os discípulos “deviam trabalhar fervorosamente pelas almas, dando a todas o convite de misericórdia. [...] *Deviam batizar no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*”.³ E ainda declara expressamente que Jesus, “revestido de autoridade ilimitada, *deu a Seus discípulos sua comissão: "Ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a*

¹ Ver aparato crítico de Aland.

² Wilson, 47-48.

³ Ellen G. White, *Atos dos apóstolos* (Tatuí, SP; Casa Publicadora Brasileira, 1994), 28. Grifo nosso.

guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado; e eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos" Mat. 28:19 e 20".¹

Não foram somente os discípulos, mas também homens escolhidos pela igreja, aprovados por Deus e separados pela imposição de mãos, que receberam a Comissão e “saíram batizando no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.²

Ao falar de Paulo na cidade de Éfeso, quando encontrou doze crentes que tinham sido discípulos de João Batista, mas não conheciam o Espírito Santo, White diz que Paulo “expôs perante eles as grandes verdades que são o fundamento da esperança do cristão”³, e “repetiu as palavras da Comissão do Salvador aos discípulos: ‘É-Me dado todo o poder no Céu e na Terra. Portanto ide, e ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.’ Mat. 28:18 e 19”.⁴ Aos doze discípulos ouvirem as palavras do apóstolo “pela fé aprenderam a maravilhosa verdade do sacrifício expiatório de Cristo, e receberam-nO como seu Redentor. Foram então batizados em nome de Jesus”.⁵

Embora tenham sido batizados apenas no “nome de Jesus”, eles sabiam das palavras de Cristo, como bem enfatiza o livro *Atos dos Apóstolos*, de que todas as nações deveriam ser batizadas “em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo”, o que demonstra não haver nenhuma contradição entre batizar no nome de Jesus e a passagem de Mat 28:19. Para aqueles judeus e aqueles gentios que já conheciam a verdade judaica, restava apenas reconhecer Jesus como sendo o Cristo. Ao recebê-Lo, estavam honrando o Pai que O enviara, e o Espírito Santo por Ele enviado.

O batismo trinitário, segundo confirma outra citação da própria Ellen White, serve como “sinal de entrada para o Seu reino espiritual, [e] Cristo o estabeleceu como condição positiva à qual

¹ Ibidem, 30. Grifo nosso.

² White, *Primeiros Escritos* (Tatuí, SP; Casa Publicadora Brasileira, 1998), 100-101.

³ Idem, *Atos dos apóstolos*, 282.

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem, 283.

têm de atender os que desejam ser reconhecidos como estando sob a jurisdição do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.¹ E mais:

Há três Pessoas vivas pertencentes à Trindade [trio] celeste; em nome destes três grandes poderes - o Pai, o Filho e o Espírito Santo - os que recebem a Cristo por fé viva são batizados, e esses poderes cooperarão com os súditos obedientes do Céu em seus esforços para viver a nova vida em Cristo.” *Special Testimonies, Série B, Nº 7, págs. 62 e 63.*²

Testemunhos dos Primeiros Séculos

Cada um dos três Seres da Divindade mencionados (Pai, Filho e Espírito Santo) era alvo da adoração e crença dos cristãos primitivos.³ A doutrina do Deus Trino, embora não apareça plenamente desenvolvida nos escritos dos pais apostólicos, é claramente vista na fórmula trinitária empregada por eles. No Batismo, por exemplo, a fé na Trindade estava presente.⁴ O que os documentos antigos, dos quais foi traduzido o Novo Testamento, não tornavam imediatamente óbvia era a relação existente entre os membros da Divindade, pois essa não era a preocupação do momento.⁵

¹ White, *Evangelismo* (Tatuí, SP; Casa Publicadora Brasileira, 1995), 307.

² *Ibidem*, 615.

³ Woodrow Whidden, Jerry Moon and John W. Reeve, *A trindade* (Tatuí, SP; Casa Publicadora Brasileira, 2003), 140.

⁴ Bengt Hängglund, *História da teologia* (Porto Alegre; Casa Publicadora Concórdia, 1973), 17.

⁵ Whidden, 140.

A discussão do modo como as três Pessoas da Divindade se relacionam entre Si pertence a um período posterior.¹

Vejamos algumas fontes históricas que demonstram a existência e o uso da fórmula trinitária muito **antes** do século IV:

1. **Didaquê.** A fórmula batismal, conforme prescrita em Mat 28:19, aparece, de forma a confirmá-la, em escritos cristão primitivos como por exemplo no *Didaquê*. Conhecido também como *O ensino dos doze apóstolos*, foi escrito na forma de uma carta circular às igrejas cristãs na província romana da Síria perto da virada do **primeiro século** de nossa era.² “Alguns estudiosos sugerem uma data mais antiga, o que faria da obra o primeiro escrito cristão até hoje existente, além do Novo Testamento”.³

Quanto ao batismo, batizareis na forma seguinte: tendo antecipadamente disposto todas as coisas, *batizai em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*, em água viva, se não houver água viva batizai em outra água; se não puderdes em água fria, batizai em água quente. Se não tiverdes nem uma nem outra, derramai água na cabeça três vezes em o nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.⁴

¹ Hängglund, 17. “É verdade que o termo Trindade não se encontra no texto hebraico nem no grego, na Bíblia; e tampouco aparecem termos como “soterologia” – no entanto, existe na teologia sistemática a doutrina da salvação, também se encontra a da ‘hamartologia’, a da ‘transcendência’ e ‘imanência’, ou da ‘preexistência’ de Cristo, ou a ‘cristologia’. Poucas pessoas que discutem os ensinamentos bíblicos levantam uma bandeira vermelha e objetam contra o uso de tais termos, quando estudam a natureza das graciosas obras de Deus. Tais designações servem como rótulos convenientes, didáticos, para conceitos ou ensinamentos complexos a respeito de assuntos intimamente relacionados. É impossível discutir teologia como disciplina sistemática, filosófica, sem se usar esses termos técnicos. Nenhum deles se encontra na Bíblia, disso temos certeza. No entanto, todos eles formam um complexo grandioso de conceitos coerentes, organizados, que são ensinados nas Escrituras. Portanto, devemos rejeitar como irrelevante a objeção de que a palavra precisa, ‘Trindade’, não se encontra na Bíblia”. Gleason Archer, *Enciclopédia de dificuldades bíblicas* (São Paulo: Editora Vida, 1997), 381. O importante é que a doutrina é encontrada nas Escrituras independentemente de um termo técnico não aparecer.

² Roger Olson, *História da Teologia Cristã*, 43.

³ *Ibidem*.

⁴ *Didaquê*, 7. Grifo nosso.

Este fato demonstra um uso da fórmula batismal, com as três Pessoas da Trindade, bem próxima à época dos apóstolos, o que dificulta a afirmação de que seria uma tradição posterior, originada no III ou IV século. Outros testemunhos confirmam o uso da expressão triforme dentro da comunidade cristã primitiva.

2. **Justino Mártir** escreveu vários livros, dos quais somente três obras apologéticas subsistiram. Mesmo sendo breves, são bastante profundas. A *Primeira Apologia de Justino* foi provavelmente escrita em 155 d.C., na ocasião do martírio de Policarpo.¹ “É dirigida com linguagem contundente e corajosa, ao imperador Antonio Pio, conclamando-o a um tratamento mais justo dos cristãos”.² No Capítulo LXI, intitulado *Batismo Cristão*, Justino falando dos candidatos ao batismo diz:

Então eles são trazidos por nós onde há água, e são regenerados da mesma maneira na qual nós fomos regenerados. Pelo, no **nome de Deus, o Pai e Senhor do universo, e de nosso Senhor Jesus Cristo, e do Espírito Santo**, eles o recebem lavando com água então.³

No capítulo LXV intitulado *Administração dos Sacramentos* da mesma obra, é dito:

Depois de termos lavado desta maneira (batizado) aquele que se converteu e deu seu consentimento, o conduzimos aos irmãos reunidos para em comum oferecer orações por nós mesmos [...] Ao terminar as orações, mutuamente nos saudamos com o ósculo de paz e, logo, traz-se ao presidente o pão e um cálice de vinho com água. Ele os recebe, oferecendo-os **ao Pai de todas as coisas num tributo de louvor e glorificações, em nome do Filho e do Espírito Santo**, dando graças por sermos considerados dignos de tamanhos favores de sua clemência.⁴

3. **Ireneu**, bispo de Lião, foi instruído em sua juventude por Policarpo de Esmirna, discípulo direto do apóstolo João. Escreveu um pequeno manual de doutrinas cristãs denominado *Demonstração da Pregação Apostólica*, e conhecido também como *Epideixis*, o qual era um resumo de sua obra mais complexa *Contra Heresias*. Ireneu morreu em Lião durante um massacre de cristãos em 202 d.C.⁵ Em seu pequeno manual, no artigo 3, ele escreveu:

¹ Olson, 58.

² Ibidem.

³ Justino Mártir, *First Apology*, 61.

⁴ Ibidem, 65.

⁵ Olson, 67-69.

Agora a fé ocasiona isto para nós; até mesmo como os Anciões, os discípulos dos Apóstolos, nos passaram. Em primeiro lugar nos é lícito ter em mente que nós recebemos o batismo para a remissão de pecados, no nome **de Deus o Pai, e no nome de Jesus Cristo, o Filho de Deus que era encarnado e morreu e subiu novamente, e no Espírito Santo de Deus.**¹

Dessa forma, fica evidente, por estes e outros exemplos que poderiam ser citados, que o uso da fórmula batismal com o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo era comumente empregado desde o início da Igreja Cristã, obedecendo assim a ordem dada por Cristo em Mateus 28:19.

Fórmula Batismal Simplificada

Parece haver uma desigualdade na ordem dada por Cristo no Evangelho de Mateus onde os discípulos deveriam batizar “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, ao compará-la com outras passagens. A questão é a centralidade de Cristo para os cristãos primitivos não apenas no batismo, mas em todas as coisas. Isso não anula a importância do Pai e nem a do Espírito Santo. Se a ausência do Espírito Santo na fórmula batismal desmerece sua Pessoa, o mesmo poderia ser dito também do Pai ao ser excluído da “fórmula”. No entanto, é preciso lembrar que o Pai e o Espírito Santo promovem a Cristo, pois somente em Seu nome se obtém salvação, sem, no entanto, anular a ação do Pai e do Espírito Santo do grande Plano da Redenção.

No final do Evangelho de Marcos, por exemplo, inicia-se uma série de sinais que acompanhariam aqueles que cressem, e esses sinais seriam feitos em nome de Cristo, “em meu nome” (Mar 16:17), e não no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. No Evangelho segundo Lucas, é dito que “em seu nome (Jesus) se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém” (Luc 24:47), e novamente não é mencionado o nome do Pai, nem do Espírito Santo.

No livro de Atos, sempre que se menciona o batismo, se diz “em nome de Jesus” (Atos 2:38; 8:12, 16; 10:48; 19:5). Todas aplicadas a Judeus e gentios já convertidos ao judaísmo. Paulo também dá essa ênfase cristológica em sua carta aos *Romanos*: “ignorais que todos quantos fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte?” (Rom 6:3), o que indica que ele próprio

¹ Ireneu, *Proof of the Apostolic Preaching*, 3

se incluía no batismo em Cristo Jesus, não fazendo menção e também não excluindo a possibilidade de ter sido batizado em nome do Pai e nem do Espírito Santo. Em Gálatas 3:27 ele afirma: “Porque todos quantos fostes *batizados em Cristo* vos revestistes de Cristo”.¹

A questão, portanto, é: Como harmonizar a fórmula batismal de Mateus com a ênfase em outras passagens sobre o batismo no “nome de Jesus”? Sendo a passagem autêntica no Evangelho de Mateus 28:19, como vimos pelos manuscritos originais usados para a tradução e por outras fontes históricas, o que teria levado os discípulos a fazerem diferente da orientação do Mestre?

1. É importante ter em mente o tempo relativamente curto entre os acontecimentos destes eventos e a transcrição deles no Novo Testamento. Parece não haver tempo para a formulação de uma tradição que viesse a mudar, acrescentando ou reduzindo, a fórmula batismal original. Além do que, quando os Evangelhos começaram a circular, algumas testemunhas oculares e auriculares destes, e principalmente da Grande Comissão, ainda se encontravam vivos. Se tais palavras não fossem autênticas, haveria grande objeção.² Portanto, tanto Mateus 28:19 como as declarações do batismo feito “em nome de Jesus” devem ser vistas como autênticas.

2. Uma forma de harmonização é não vê-las como sendo paralelas. Se entendermos uma como **prescrição** e a outra como uma declaração da **natureza** do batismo, então não haveria conflito entre elas. Se a declaração feita por Jesus é uma fórmula, uma prescrição do modo exato no qual a ordenança será administrada, e as passagens em Atos são meras **descrições** (não prescrições) da **identidade do batismo**, então não haverá dificuldade em conciliá-las.¹ Uma diz como deveria ser feito, e a outra descreve o significado e dá a ênfase de que, ao ser batizado, o crente renasce por causa de sua aceitação do sacrifício de Jesus. Nesse sentido, ele foi batizado em Jesus, apesar de uma fórmula trinitária.

¹ Grifo nosso.

² Millar Erickson, *God in the Three Person*.

3. Outra forma de harmonizar as *duas* “fórmulas batismais” é através do fato de que em Mateus 28:19 se diz para batizar “em nome” (singular) do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e não “nos nomes” (plural), o que era de se esperar, visto que são três os nomes citados. Isso demonstra claramente a unidade do nome das três pessoas da Trindade em um nome divino, um nome que revela poder (Êxo. 3:13-15; Pro 18:10; João 17:11; Fil 2:9). Esse nome foi compartilhado pelo Pai com Jesus e o Espírito.² Portanto, ao se batizar “em nome de Jesus (ou de Cristo)”, se está batizando “em nome” das três Pessoas da Trindade. Ainda mais quando tal fórmula “curta” em “nome de Jesus” foi administrada especialmente àqueles que já conheciam o judaísmo com seus ensinamentos, e lhes restava **apenas** aceitar a Jesus como Senhor. Assim, é um nome apenas para três Pessoas.

4. A Bíblia apresenta divergências na prática cristã referente aos ensinamentos de Jesus, como por exemplo: circuncisão, justificação por obras, comer carnes sacrificadas aos ídolos e outros assuntos sobre os quais os apóstolos tiveram que interferir para que houvesse harmonia mesmo entre líderes como Pedro e Paulo. É natural que houvesse ênfase diferente, a princípio, na ministração do batismo até que a unificação fosse posteriormente alcançada.

Conclusão

Após toda esta explanação, fica evidente a real autenticidade da passagem de Mateus 28:19 onde é dada a ordem de batizar “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”:

1) Essa autenticidade de Mateus 28:19 é devido a sua aparição nos **manuscritos mais confiáveis** de onde foi traduzido o Novo Testamento que temos hoje em nossas mãos.

2) Corroborando com isso, o testemunho do Espírito de Profecia através da pessoa de Ellen G. White que faz uso da passagem tomando-a como válida desde os primórdios da história da Igreja

¹ Ibidem.

² C. Davies and D. C. Allison Jr., *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to Saint Matthew*, J. A. Emerton, C. E. B. Cranfield and G. N. Stanton eds. (Edinburgh, T & T Clark, 1993) 3: 685-686.

Adventista do sétimo Dia e, ainda, apoiando o uso da expressão “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” no batismo como temos até nossos dias.

3) O uso dos nomes das três Pessoas da Trindade nos registros cristãos do **primeiro e segundo séculos** confirma que a ordem dada por Cristo era amplamente obedecida e empregada na sua totalidade, sem alteração por parte da igreja na sua forma como está em Mateus 28:19, e muito antes do IV século.

E, por fim, não existe nenhuma dificuldade na harmonização da passagem com os demais relatos do Novo Testamento, visto que:

1) ao se batizar em nome de Jesus (ou Cristo) se está batizando em nome da Trindade e que o contrário também é verdade, pois somente se vai ao Pai em Cristo, e somente se chega a Cristo pelo Espírito. Assim Cristo é o Centro de nossa Salvação. Um nome para três Pessoas da Divindade.

2) O batismo em nome de Jesus, explicado ou a) pela **ênfase** em Cristo como centro da salvação, b) pela **harmonia progressiva** no uso da fórmula batismal de Mateus 28:19 como ocorreu com outras práticas prescritas por Jesus, c) como uma **descrição da aceitação de Cristo** mesmo sendo feito o batismo na fórmula trinitária ou d) como uma **fórmula preferencial para judeus e gentios convertidos**, não nega e nem conflita em nenhum dos casos com a doutrina bíblica da Trindade. Esta doutrina, apresentada em Mateus 28:19 é reafirmada em muitas outras passagens da Bíblia e de várias maneiras.

3) Usar as passagens onde se fala do batismo em nome de Jesus para anular Mateus 28:19, além do desconhecimento dos fatos históricos e documentais aqui apresentados, abre espaço para o argumento reverso de que os apóstolos é que não foram sempre, ao menos a princípio, leais às ordens do Mestre, por isso devemos obedecer é a Jesus e não ao exemplo às vezes inconstantes dos apóstolos, uma vez que Mateus 28:19 é tão autêntica como as outras passagens da Escritura.